

ANC  
P11

# O sorriso de Pangloss

Wilson Figueiredo

Cada dia que nasce desembaca, na ótica do brasileiro, a impressão de que está assistindo a um novo despertar do governo Sarney. O otimismo presidencial passa a idéia de que JS está atarefado até hoje pelas dificuldades da posse, mas que amanhã, sem falta, começará a governar. Cada vez que o presidente se dirige aos brasileiros e às brasileiras, em geral para apresentar um novo ministro da Fazenda, começa tudo de novo. Vista pelo lado do eleitor, a situação se inverte, e cada novo dia traz a esperança de que possa ser o último de um governo que só se dispõe a começar na manhã seguinte. Com os cinco anos tinindo no bolso, é melhor calar.

Salvo pior juízo, o brasileiro continua disposto a aturar as contradições oficiais. Tanto ouvi JS perorar concordância com os quatro anos, quanto sabe do alijamento em favor dos cinco. Toda a questão política nacional se reduziu, finalmente, ao tamanho do mandato. O de quatro anos, agüenta-se. O de cinco, ninguém sabe.

A disposição geral continua a ser para o sacrifício, com o sentido de evitar que a democracia, tão ofendida pelos costumes, se retire outra vez em sinal de desagrado. Desde a morte de Tancredo Neves em 85, a democracia se comporta como visita de cerimônia, empertigada na beira do sofá. Em mais de uma oportunidade esteve para se levantar.

Cada qual faz o que pode. O eleitorafia a paciência e o PMDB contribui ao seu jeito para ajudar o presidente e a democracia. Entre um e outra, no entanto, as relações deixam muito a desejar. Ele também não se sente à vontade, apesar do decreto-lei e do decreto-secreto que os militares deixaram no serviço doméstico. Perdura o constrangimento. Embora do lado de dentro, o PMDB se comporta para fora. E não é exatamente um inquilino do governo. Também não tem modos de hóspede, que o obrigariam a certa cerimônia. Que fez o PMDB por nós? Pouco. Reduziu ao mínimo o mandato presidencial, para não ter que providenciar mais adiante o despejo de JS — mesmo criando dificuldades para os seus pretendentes ao lugar. Não pela quantidade deles, mas pela inoportunidade da sucessão em 88. O PMDB se dá conta de que lhe será difícil escolher entre tantos um único candidato, manter a unidade e, em seguida, convencer o eleitorado, tendo a classe média por testemunha, de que o partido não tem a ver com o estado deplorável a que chegamos. Ao marcar a sucessão para 88, o PMDB deixou os seus candidatos sem tempo de providenciar o enxoval de campanha.

Ficou mais ou menos implícito — salvo melhor juízo — que o PMDB poderia também dar a volta por cima dos quatro anos e restabelecer os cinco da preferência da maioria dos candidatos. O mandato maior não salvou o regime de 46. Então? Por hábito, Sarney ficou com os dois, sem deixar de trabalhar pelos cinco. Esqueceram-se foi de perguntar ao grande interessado, o eleitor — que um dia vai perder o interesse.

Em matéria de ambivalências, o PMDB e o seu presidente de honra, José Sarney, se merecem. Os dois são igualmente ambíguos sobre o mais conveniente sistema de governo para lidar com o brasileiro. O PMDB golpeou Sarney de surpresa com os quatro anos, mas atingiu mesmo a perfeição quando simulou uma convicção parlamentarista

que chegou a confundir os adeptos do gabinete. Houve quem visse na aprovação do parlamentarismo um ato de mortificação do partido pelos excessos que o presidencialismo deixou nas mãos de JS. O PMDB quis se penitenciar pela distração de fechar os olhos ao ângulo jurídico que não autorizava a posse. Pela fechadura política, fingiu não ver o absurdo da sucessão indébita. Vices só sucedem a titulares que foram empossados. Sarney passou à frente de Tancredo Neves. Para aplacar a própria consciência, o PMDB cortou os dois anos que Tancredo Neves havia jogado fora e que Sarney apanhou.

A preferência do PMDB seria ver Sarney pelas costas, mas não tem como recusar-lhe o troco de um daqueles dois anos surripados ao mandato de seis anos, simplesmente, porque também não se sente preparado para enfrentar eleições. Ninguém, aliás, jamais se considera em condições ideais para disputar eleições. Enfim, raciocinando no governo, o PMDB reconhece que falta às ruas a noção correta de prazos. Um pouco mais e, salvo pior juízo, ouviremos essa gente dizer que os militares não estavam totalmente destituídos de razão quando desconfiavam que o eleitor tem dificuldade de escolher, e escolhe mal. Não vai demorar o PMDB descobrir o lado útil das eleições indiretas: evitar depreciação. Vai-se ver que até o eleitorado do PMDB elege gente boa com medo de eleição.

Salvo melhor juízo, JS estava tão certo das coisas que podia dar-se ao luxo de desdenhar o esforço dos três áulicos para ressarcir a perda daquele precioso ano e acabar menos mal um mandato que tem sido deplorável. Desde a antiguidade, quem desdenha quer comprar. Estava na cara que Sarney podia servir-se. Era só comprar. Neste momento, ninguém compra ações do parlamentarismo, que tiveram uma surpreendente valorização. Pareciam ações do Banco do Brasil, da Souza Cruz, da Vale, da Belgo Mineira nos bons tempos, quando tudo indicava que o capitalismo tinha futuro entre nós.

Boa dica, quando entra em baixa o mandato de quatro anos, é fazer uma polpuda carteira com papéis do presidencialismo, que vai subir pelo mesmo caminho do mandato de cinco anos. Há gente vendendo depressa tudo que seja de quatro anos, com medo da desvalorização rápida. Voto de constituinte só vale até certo momento: depois é de graça, pela honra de figurar entre os vencedores. Os títulos do presidencialismo estarão estourando. O capitalismo no Brasil se resume atualmente às altas e baixas dos dois empreendimentos, um lançado por JS e outro de capital aberto: os cinco anos e o parlamentarismo.

De qualquer forma, é melhor estourarem as ações do presidencialismo do que a situação social ir pelos ares. Uma boa eleição presidencial não deixa de ser uma explosão controlada da insatisfação geral. Foi assim pensando que os constituintes decidiram em novembro fechar sistematicamente com os quatro anos. Mas, nem só de cautela se faz a insondável política brasileira. Falou-se em renúncia, mas em vão. Tanta transparência ficou suspeita porque o presidente continua a se dar por eleito. Concede-se tratamento de Tancredo Neves. Quer cinco anos.

Um ano a mais, sem votar, não é muito. Mas, nas mãos do presidente JS, um ano é demais. Vem aí pelo rádio e pela TV o esboço do sorriso presidencial, sublinhado pelos bigodes que não disfarçam uma ponta de satisfação pelo mal que virá em seguida. É apenas o sorriso de Pangloss.